

Diário de um banana: o texto verbo-imagético e a formação de leitores críticos

ARTIGO

1 Allana Mayara Santos Castroⁱ 

Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, PA, Brasil

Cainã Tavares Wanzelerⁱⁱ 

Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, PA, Brasil

Thaís Fernandes de Amorimⁱⁱⁱ 

Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, PA, Brasil

Resumo

Este trabalho objetiva examinar o uso do texto verbo-imagético, isto é, a linguagem verbal alinhada ao visual, no texto literário infantojuvenil *Diário de um banana* (2008) de Jeff Kinney, e como essa aplicação contribui para a compreensão do leitor e sua formação crítica. Metodologicamente, este trata-se de um estudo qualitativo e de pesquisa bibliográfica conforme Gil (2021), a partir das contribuições de Coelho (2000), Zilberman (2015), Silva (2015), Cossetin Alves, Cossetin e Maiberg (2020), Sozza (2011), Faria (2013) e Vasconcelos (2014). Os resultados demonstram que as articulações presentes em *Diário de um Banana* contribuem para a compreensão do texto a partir dos elementos que compõem o seu tipo de linguagem e, com isso, consegue alcançar crianças e jovens, tanto devido ao bom uso do texto verbo-imagético quanto por falar de um cotidiano vivenciado por indivíduos dessa faixa etária, problematizando a sua realidade.

Palavras-chave: *Diário de um banana*. Literatura Infantojuvenil. Texto Verbo-imagético. Leitura Crítica.

Diary of a wimpy kid: the verb-image text and the formation of critical readers

Abstract

This study aims to exam the use of the verb-image text, i.e., the verbal language aligned to the visual, in the children's literary text *Diary of a wimpy kid* (2008) by Jeff Kinney, and how this application contributes to the reader's understanding and its critical formation. Methodologically, this study with a qualitative approach and bibliographic research according to Gil (2021), as of the contributions of Coelho (2000), Zilberman (2015), Silva (2015), Cossetin Alves, Cossetin e Maiberg (2020), Sozza (2011), Faria (2013) and Vasconcelos (2014). The results shows that the articulations present in *Diary of a wimpy kid* contributes to the text's understanding from the elements that comprise its type of language and, thereby, manages to reach children and young people both due to the good use of the verb-image text and for talking about an everyday experienced by individuals of this age group, problematizing their reality.

Keywords: *Diary of a wimpy kid*. Children's Literature. Verb-Image Text. Critical Reading.

1 Introdução

2

Desde os primórdios da humanidade, sabe-se que é próprio da natureza humana contar histórias. Sejam elas para explicar um fenômeno natural que nos assusta ou para buscar possíveis motivos do porquê o céu é azul, as histórias são partes integrantes de quem somos e até mesmo falam de onde viemos. Nesse diapasão, entende-se o seu valor para aqueles indivíduos ainda em formação: crianças e adolescentes. As aventuras que compõem uma narrativa têm o poder de contribuir para a construção da identidade e da formação crítica dos sujeitos e, partindo disso, comprehende-se o motivo da literatura infantojuvenil vir cada vez mais ganhando o seu espaço nas discussões que abarcam as questões do ensino e da aprendizagem.

O presente trabalho visa observar o uso do texto verbo-imagético, isto é, a linguagem verbal alinhada ao visual, dentro de um texto literário infantojuvenil e como tal aplicação contribui para a compreensão leitora e articula-se para a formação de leitores críticos. Desta maneira, elegeu-se o livro *Diário de um Banana* (2008) de Jeff Kinney, que se constitui como uma ficção infantojuvenil de humor e comédia em que é relatada as aventuras do protagonista Gregory Heffley em busca de fama e popularidade nos anos finais do Ensino Fundamental.

Para fundamentar as discussões propostas, considerou-se as postulações de Coelho (2000), Zilberman (2015), Silva (2015), Cossetin Alves, Cossetin e Maiberg (2020) e Sozza (2011), pesquisadores que discorrem acerca da importância da leitura literária em sala de aula, bem como Faria (2013) e Vasconcelos (2014) que defendem a articulação entre o texto escrito e as ilustrações no texto infantojuvenil.

2 Metodologia

Do ponto de vista metodológico-científico, este estudo visa explorar o texto verbo-visual *Diário de um Banana* para a formação de leitores críticos. Para tal, emprega-se uma abordagem qualitativa de pesquisa e análise com os procedimentos técnicos da pesquisa

bibliográfica em livros, artigos e revistas científicas que tratem sobre literatura infantojuvenil, leitura, letramento literário e a relação entre texto e imagem, conforme os pressupostos de Gil (2021). A pesquisa foi dividida em algumas etapas: primeiramente foi feita a escolha do texto literário no qual pudéssemos articular a relação imagem-texto no trabalho com o texto literário e suas contribuições ao jovem leitor, a fim de problematizarmos estas questões no artigo. Tais questões foram suscitadas no decorrer da disciplina de Literatura Infantojuvenil do Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

3 A literatura infantojuvenil

Desde as décadas que compreendem os anos de 1970/80, os campos da Língua e da Literatura, em especial a área da literatura infantojuvenil, vem ganhando gradualmente o seu espaço nos debates educacionais com as novas perspectivas que começaram a delimitar-se na época (Coelho, 2000). Isso decorre do entendimento de que “a evolução de um povo acontece no nível mental, a partir da consciência gradativa que se adquire sobre o eu e sobre o mundo” e que “o caminho para tal é a palavra, ou melhor, a literatura, em especial a infantojuvenil, pois ela é o maior responsável por, justamente, formar a consciência de mundo das crianças e dos jovens, atuando como um agente de transformação” (Coelho, 2000, p. 15).

Essas considerações salientam a importância da literatura e o seu uso para a formação dos indivíduos que integram e transformam a sociedade, especialmente tratando-se de crianças e adolescentes, pois através dela diversos aspectos do desenvolvimento cognitivo desses sujeitos podem ser trabalhados, como por exemplo, a criticidade, que neste estudo é abordada. Nessa linha, a escola desempenha o papel do espaço privilegiado no qual concerne à literatura essa função formativa, pois ambas compartilham essa natureza em comum (Coelho, 2000; Zilberman, 2015).

A partir do encontro da escola com a Literatura, temos o encontro do leitor com o texto e sua consequente interação, como explicita Zilberman (2015, p. 27):

Da coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa seu destinatário emerge a relação entre obra e o leitor. Pois, quanto mais este demanda uma consciência do real e um posicionamento perante ele, tanto maior é o subsídio que o livro de ficção tem a lhe oferecer, se for capaz de sintetizar, de modo virtual, o todo da sociedade. A criança é um indivíduo que se ressente dessa abertura de horizontes, consequência da situação claustral a que foi lançada (Zilberman, 2015, p. 27).

4

Ou seja, a interação e reflexão do leitor para com o texto terá êxito se o contexto abordado na obra literária conversar com o contexto do leitor, sua realidade, já que, se cativado, urge a necessidade do leitor de compreender a realidade em que vive e observá-la de modo crítico, aumentando o valor dessa obra literária. Para o público infantojuvenil, essa relação com o texto se torna essencial, já que, segundo a autora, estão em uma condição de "situação claustral", restritos e dependentes dos adultos, sentindo a urgência de compreender melhor o mundo que os cerca e todas as suas nuances. Desse modo, a literatura infantojuvenil consegue ampliar a visão desse público para diferentes pontos de vista, auxiliando a leitura, a compreensão e a posição do leitor na sociedade em que vive, para assumir um pensamento crítico e ter subsídios que sustentem sua reflexão.

Nesse sentido, a ficção se ocupa de preencher lacunas da visão de mundo do sujeito que é ofuscada tanto pela sua pouca maturação quanto pela realidade em que vive. Daí fala-se em leitor crítico, pois a partir da compreensão do livro, o leitor passa a ser capaz de assumir uma posição autônoma que lhe permite olhar para o mundo interior e criticar a vida exterior (Zilberman, 2015). Assim, ocorre, a partir dessa interatividade, a concretude da função da literatura e da literatura infantojuvenil: a formação, como Coelho (2000, p. 151) bem nos explica:

[...] o que define hoje a contemporaneidade de uma Literatura é a sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver a sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (Coelho, 2000, p. 151).

Partindo de tais pressupostos acerca da literatura infantojuvenil, a seguir buscar-se-á verificar como é articulado o texto e a imagem dentro das obras voltadas para esse público composto por crianças e adolescentes.

4 O texto verbo-imagético

5

Na contemporaneidade, é inegável o valor que as imagens possuem dentro da literatura para crianças e adolescentes, e, consoante a esse destaque, surge então a necessidade de se refletir sobre como interpretar e compreender as articulações entre elas e o texto escrito, visando alcançar uma totalidade na compreensão do leitor.

Numa literatura dessa natureza, quando as funções de cada uma dessas linguagens, a verbal e a visual, são empregadas adequadamente, ocorre um equilíbrio entre as articulações que possibilitará uma melhor compreensão por parte do leitor (Faria, 2013).

Isso significa que uma imagem não está submissa ao texto escrito, mas sim que caminha ao seu lado, dizendo o que o texto escrito está falando, porém de uma outra forma, trazendo consigo elementos e aspectos diferentes, próprios da sua linguagem. O que se deseja, assim, é que por meio das duas linguagens haja uma leitura coerente, mas ainda passível de interpretações por meio do conhecimento de mundo que o leitor possui.

Nesse sentido, como explica Faria (2013), nos bons livros infantis, quando o texto escrito e a imagem articulam-se harmoniosamente ocorre uma boa compreensão daquilo que está sendo narrado. A autora sugere que nesses livros ilustrados ocorre uma “dupla narração”, no qual um narrador se responsabiliza pelo texto escrito, o outro cuida das imagens. Essa relação cooperativa e equilibrada entre texto e imagem, portanto, “provém do uso ideal das funções de cada linguagem; a escrita e a visual” (Faria, 2013, p. 39). Dito isso, destaca-se que não deve haver uma hierarquia em que o texto é mais relevante que a imagem ou vice-versa, mas sim que essas ambas as linguagens estejam em pé de igualdade, contribuindo para uma melhor compreensão da história.

Ainda na relação texto-imagem, Faria (2013) mostra que, inicialmente, nos livros infantis, tal relação pode ser classificada em dois tipos: repetição e complementaridade, conforme o que objetiva o livro e a concepção do ilustrador sobre as ilustrações em livros infantis. Nessa lógica, a autora defende que a não ser que o uso da repetição seja justificado por uma clara função pedagógica, julga-se como boa ilustração aquela que esteja dentro da classificação de complementaridade, no qual "um dos dois elementos pode ter a faculdade de dizer o que o outro, por causa de sua própria constituição, não poderia dizer" (Duran; Betrand, 1975 *apud* Faria, 2013, p. 40-41). Assim, essas duas linguagens darão contribuições específicas para a leitura, pois possuem funções distintas no conjunto da obra, já que:

A leitura da literatura infantil requer, pois, a capacidade de construção de sentidos a partir das múltiplas linguagens que a compõem. [...] os sentidos não se restringem ao que está posto em palavras, mas decorrem da consideração e da integração das diversas linguagens que formam as obras literárias infantis. É, portanto, na junção dos textos verbal e por imagens com o projeto gráfico da obra como um todo que o universo significativo se concretiza, o que torna imprescindível, numa leitura efetiva, relevar esse conjunto de elementos em suas inter-relações (Vasconcelos, 2014, p. 7-8).

A seguir, apresentar-se-á uma obra literária infantojuvenil intitulada *Diário de um Banana*, em que será analisado como essa narrativa apresenta articulações verbo-imagéticas e como sua utilização pode contribuir para a formação de leitores críticos.

5 O livro *Diário de um Banana*

Escrito pelo norte-americano Jeff Kinney e publicado pela primeira vez em 2007, *Diário de um Banana* é o primeiro de uma série de atualmente 18 livros. Narrado pelo próprio personagem principal, relata as peripécias e aventuras do cotidiano deste garoto nos anos finais do ensino fundamental. Aventuras essas que o próprio autor, quando criança, diz ter passado e que serviram de inspiração para o desenvolvimento de seu *best-seller*, que foi traduzido e publicado no Brasil pela Vergara & Riba Editoras, vendendo cerca de 2 milhões de exemplares.

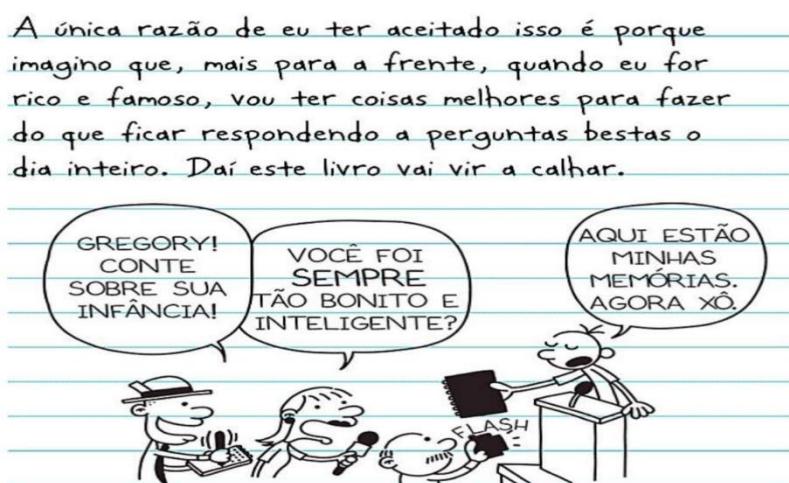
A série ainda possui dois livros extras: *Diário de um Banana: faça você mesmo*, em que o próprio leitor participa da construção do diário, e *Diário de um Banana: o livro do filme*, que registra como a escolha do elenco e o processo criativo para a construção da adaptação cinematográfica foram feitas.

7

A priori, a série de livros havia sido elaborada para ser uma história em quadrinhos. Todavia, segundo Cohen (2013), a editora preferiu que a história tomasse formato de um diário ilustrado, narrado pelo próprio personagem. A trama, além de abordar conflitos sociais na escola, também envolve dilemas éticos, já que o personagem costuma mentir e manipular para conseguir o que quer.

O principal motivo para que Gregory Heffley escrevesse seu primeiro diário foi o incentivo de sua mãe, Susan Heffley. Porém, Gregory tinha o intuito de que ele servisse para que lá no futuro ele não tivesse que responder a repórteres que viessem questioná-lo sobre sua vida na infância. Tendo isso em vista, percebe-se o quanto o personagem é ambicioso em relação a suas aspirações, que apesar de mudarem constantemente, sempre têm o mesmo intuito: ser famoso e aceito, como mostrado na figura a seguir:

Figura 1 – Greg e sua ambição



Fonte: Kinney (2008).

Ao longo da narrativa, percebe-se o olhar de Gregory sobre as transformações que atingem precocemente alguns colegas do sexto ano. Alguns alunos crescem mais rápido e usam essa vantagem para praticar *bullying* contra os mais frágeis; outros ganham popularidade e visibilidade pelos corredores da escola. Gregory, por sua vez, ao lado do amigo Rowley, tenta encontrar seu lugar nesse cenário competitivo — um *ranking* de *status* criado por ele mesmo — e descobrir como alcançar o topo. Abaixo, apresenta-se um excerto que ilustra essa ideia elaborada por Gregory:

Figura 2 – O ranking

Como eu falei, Bryce é o garoto mais popular do nosso ano, então isso deixa o resto lutando pelas outras posições.

Pelas minhas estimativas, sou o 52º ou 53º mais popular deste ano. E o melhor é que eu vou subir uma posição porque o Charlie Davies, que está acima de mim, vai pôr aparelho na semana que vem.



Fonte: Kinney (2008)

Mesmo que Rowley seja o seu melhor amigo, Gregory tem muitos problemas com ele por o considerar infantil demais, fazendo com que muitas vezes Gregory se aproveite dele para usá-lo em seus planos para conseguir o que quer. Além disso, ele faz algumas falcatruas, como, por exemplo, ao tentar ser tesoureiro da escola, espalhar boatos sobre seus concorrentes com cartazes de cunho pejorativo. Outro caso narrado é o do Dia das Bruxas, em que ele tenta organizar uma “casa dos horrores” com seu amigo, com o intuito de ganhar dinheiro em cima das crianças do bairro e falha, pois uma das crianças se assusta, chamando a atenção do pai de Rowley, que o castiga.

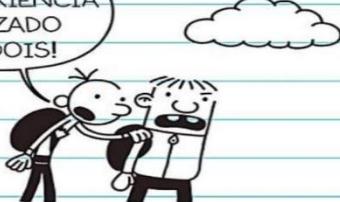
Entre vários altos e baixos vividos pelos personagens, o egoísmo de Gregory coloca a amizade dos dois à prova. Em um dia de prova para o amigo, Greg assume

sozinho a função de patrulheiro escolar e, para isso, usa o uniforme de Rowley, que traz seu nome estampado nas costas. Durante o trajeto, uma vizinha o vê assustando as crianças e, sem saber da troca, denuncia Rowley ao diretor. Greg permite que o amigo sofra as consequências dos seus atos: Rowley perde o distintivo de patrulheiro e ainda precisa se desculpar com as crianças por algo que ele não fez. Só depois desses acontecimentos que Gregory decide contar que, na verdade, era ele quem tinha feito aquilo com as crianças, como verifica-se na figura abaixo:

Figura 3 – Greg contando a verdade a Rowley

Aí, eu falei para ele que nós dois podíamos tirar lições do caso. Falei que eu tinha aprendido a ser mais cuidadoso com o que fazia na frente da casa da sra. Irvine e que ele também tinha aprendido uma lição valiosa, que é a seguinte: cuidado com a pessoa para quem você empresta seu casaco.

ACHO QUE ESSA
FOI UMA EXPERIÊNCIA
DE APRENDIZADO
PARA NÓS DOIS!



Para ser franco, o Rowley não parecia estar captando a minha mensagem.

Fonte: Kinney (2008)

Isso faz com que a amizade dos dois enfraqueça, e Rowley se afaste de Gregory. Além disso, uma tira em quadrinhos que Gregory e Rowley haviam produzido juntos acaba sendo publicada apenas em nome de Rowley, o que deixa Gregory furioso. O clímax da tensão entre os dois ocorre quando decidem brigar na quadra de esportes, mas são interrompidos por garotos mais velhos, que obrigam Rowley a comer um pedaço de queijo estragado que estava no chão havia meses. Para proteger o amigo da humilhação, Gregory assume a culpa e diz que foi ele quem fez o queijo desaparecer. Como resultado,

passa a ser excluído por toda a escola por ter contraído o temido “Toque do Queijo”. Para piorar, Gregory ainda perde o título de “Palhaço da Turma” no anuário escolar, que acaba sendo concedido a Rowley.

Gregory lida bem com a exclusão, pois ao menos tem seu melhor amigo de volta, além de alguns benefícios, como não participar da quadrilha na aula de educação física. Encontramos no personagem de Gregory e na descrição de suas aventuras algo com que uma criança pode facilmente se entreter e se relacionar, transformando algo considerado do cotidiano em interessante de se ler e tirar lições de vida.

10

6 Resultados e Discussão: a formação crítica em foco

Após discutir as concepções acerca da literatura infantojuvenil, das articulações entre o texto escrito e as imagens ilustrativas e da construção da narrativa de *Diário de um Banana*, partiu-se-á para uma análise mais profunda levando em consideração os pressupostos levantados na pesquisa

Ainda que algumas ações que o Gregory tome sejam consideradas cruéis, avaliando sua faixa etária e o ano escolar em que está inserido, podemos afirmar que suas atitudes e pensamentos fazem parte de seu desenvolvimento cognitivo. Segundo Schffer (2022), de acordo com a teoria piagetiana sobre o Estágio de Inteligência Operatório Concreta, para as crianças de 7 a 11/12 anos, espera-se que possam compreender e enxergar o mundo de forma lógica e por categorias, algo que se observa quando, muitas vezes, o personagem em foco estabelece um *ranking* para os alunos da escola para definir quem seriam os mais populares.

Anteriormente à fase Operatório Concreta, a criança precisa passar pela pré-operatória e sensório-motora, respectivamente, período em que refinará sua noção de representação dos objetos e eventos através do jogo simbólico, compreendendo o mundo que a cerca e os papéis que cada um ao seu redor possuem. Porém, ainda que o entendimento de Gregory Heffley esteja mais estruturado e refinado, ainda possui limitações cognitivas, típicas dessa fase de transição entre a infância e a adolescência,

acreditando que existam regras inflexíveis e concretas para se tornar popular na escola e subir no *ranking* que ele mesmo criou, como vestimenta ou se suas amizades também são populares, não levando em consideração características mais abstratas como carisma e simpatia.

11

Nos termos de Santos e Ferreira (2023), é esperado dessa fase de desenvolvimento cognitivo que Greg perca seu egocentrismo, mas vemos que isso é um traço forte do personagem, mentindo para que outros assumam a culpa pelos seus erros e demonstrando pouca empatia com a consequência de seus atos. Guiado por suas experiências concretas, Greg utiliza-as a seu favor para conseguir o que quer, aprendendo apenas no final da obra sobre o peso de suas ações, ao perder seu amigo.

O pensamento e raciocínio lógico do personagem Greg Heffley entra em ação quando precisa impressionar uma garota de que gosta ou se provar como digno da validação de seus colegas de escola, comum dessa época de transição, quando a criança começa a perceber que seu ponto de vista não é o único e a opinião de outras pessoas são diferentes da dele. Seja querendo ser o “palhaço da turma” ou entrando para a patrulha da escola, ele não mede esforços para ser validado. Ainda que consiga criar esses estratagemas para conseguir o que quer, não consegue identificar onde falhou, típico desse estágio de desenvolvimento, denotando traços dos estágios anteriores que não foram superados (Souza, 2023).

A criatividade do personagem é muito aflorada, tanto para fazer brincadeiras quanto para ilustrações, percebe-se uma mudança de traços quando Gregory desenha alguém de quem ele não gosta e de quem ele gosta. Os desenhos que ele faz para o jornal da escola possuem traços mais exagerados que os feitos no diário. Em grande maioria, as ilustrações são tanto usadas para fazer humor, quanto para elucidar sobre o que está sendo descrito no texto, como Fittipaldi (2018) salienta:

[...] não impede e nem restringe a fabricação das imagens mentais, não tolhe o imaginário do leitor, como muitos ainda hoje argumentam. Bem ao contrário, as imagens visuais detêm uma enorme capacidade de abrir espaços no imaginário, de criar experiências sensíveis, formais, afetivas e intelectuais que alimentam o imaginário. De modo diferente do verbal, a imagem possui sua própria sintaxe e

semântica, desdobra-se em planos de forma, conteúdo e expressão (Fittipaldi, 2008, p. 107).

12

Compreendendo isso, segundo Cossetin Alves, Cossetin e Maiberg (2020), consegue-se estabelecer laços com o leitor infantojuvenil, pois a leitura se aproxima do cotidiano enfrentado, tanto no que está sendo lido quanto no modo como esse livro se apresenta, de forma sucinta e com linguagem simples, mostrando o ponto de vista de uma criança. As características observadas no livro em sua arte denotam a caligrafia usada na escrita de forma aproximada ao modo como uma criança escreveria, as linhas de um caderno presente em todas as páginas do livro, fortificando o imaginário do leitor e o familiarizando principalmente ao gênero textual diário.

Considerando a importância da arte e das ilustrações na complementação do sentido do texto — elementos que aproximam o leitor da narrativa e aumentam sua verossimilhança junto ao público-alvo —, somos levados a refletir sobre como promover uma leitura crítica da obra. Mesmo sendo um livro cômico e acessível ao público infantil, ele aborda questões relevantes, como aceitação, conflitos familiares e ambições, que podem (e devem) ser trabalhadas de forma sensível e reflexiva com os leitores. Para Sozza (2011, p. 13): “A leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos. O texto sugere pistas e caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar”.

Essa obra contribuiria na formação de um leitor crítico justamente por dialogar com as vivências particulares enfrentadas, tanto por um aluno do ensino básico quanto de uma criança na faixa de 11 a 12 anos, no início da puberdade e como sua família enfrenta junto com ele essas descobertas. Por ter um narrador personagem tão único quanto Gregory Heffley — que expõe seus pensamentos e ideias de forma tão genuína no texto escrito e ilustrações —, o leitor conseguiria alcançar sua memória e visão de mundo e compreenderia o texto de tal forma que o instigaria, advindo do conhecimento extralingüístico que ele já traz consigo, levando-o a refletir sobre as ações do personagem ao se identificar com elas, vendo de um outro ponto de vista. Como explica Silva (1995, p. 20): “A leitura se constitui numa forma de encontro entre o homem e a realidade

sociocultural, cujo resultado é um situar-se constante frente aos dados dessa realidade expressos e interpretados através da linguagem”.

A entrada na puberdade, muitas vezes tardia para algumas crianças, gera ansiedades em relação a um momento que é único para cada indivíduo. A busca por um amadurecimento precoce, pelo desejo de ser visto e valorizado pelas mudanças físicas e sociais, faz com que o afeto associado a essa fase se torne especialmente atrativo. Assim, atividades como brincar com bonecos e criar histórias passam a ser deixadas de lado. Soma-se a isso a necessidade crescente de independência, que pode gerar conflitos com os pais, além de um ambiente escolar que frequentemente ignora o *bullying* escancarado nos corredores. Esses são alguns dos conflitos vivenciados por essa faixa etária e que são bem representados em *Diário de um Banana*.

Com a mediação do docente, o aluno — por estar imerso nessa realidade — pode compreender essas questões com mais facilidade. A leitura, no entanto, vai além da identificação: ela impulsiona a refletir sobre como lidar com tais situações e o que evitar quando princípios éticos são postos à prova. Assim, mais do que decodificar o texto, o estudante constrói sentidos e estabelece relações com a obra a partir de suas próprias experiências.

7 Considerações finais

O presente artigo buscou refletir sobre a literatura infantojuvenil, tendo como corpus de análise uma obra contemporânea e amplamente popular entre seu público-alvo. A leitura dessa obra mostra-se capaz de contribuir para a formação de leitores críticos e proficientes, além de oferecer uma nova perspectiva sobre a fase da vida que esses leitores estão atravessando. Ao reconhecerem-se nas situações retratadas, podem compreender melhor suas experiências e enxergar-se como sujeitos ativos de seu próprio discurso.

Consoante a essa proposta, buscou-se evidenciar a importância do texto imagético aliado ao texto escrito e como essa combinação pode ser trabalhada, de forma

efetiva, na formação crítica do leitor. A obra analisada se destaca justamente por sua proximidade com as vivências de seu público, ao dialogar com dilemas próprios da infância e do ambiente escolar, incluindo conflitos éticos. Parte-se da compreensão de que a literatura é uma manifestação artística capaz de formar identidades e acolher pluralidades — leitores que, no futuro, poderão se tornar agentes críticos e formadores de opinião.

14

Essa obra não foi escolhida avulsamente. Percebe-se a importância de trabalhar com ela não apenas por ser voltada para o público infantil, mas por ser uma obra atemporal e de fácil acesso, que, muitas vezes, pode servir de impulso inicial para a formação de um leitor assíduo e interessado. Há apelo, sobretudo, no ambiente escolar, em apresentar os clássicos da literatura para esse leitor, entretanto, para introduzi-lo, percebe-se a relevância de se trazer de forma humorada e sucinta algo que remeta à realidade desse pequeno legente. A obra já é atrativa por si só para uma criança por possuir tantas ilustrações expressivas e simples e, nesse formato de diário, tão singular, traz uma verossimilhança para quem a lê.

Tendo um narrador personagem tão humano e rico em defeitos como qualquer criança de sua idade, Gregory Heffley traz para o leitor um outro ponto de vista sobre as travessuras e motivações de uma pessoa de sua idade, causando o humor, mas também ponderações sobre suas ações na obra. Importantes temas são levantados, como a inveja, egoísmo, exclusão, aceitação, temas esses que, sozinha, uma criança não consegue se dar conta de que está passando ou sofrendo.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para a valorização do texto verbo-imagético e seu impacto no público infantojuvenil, a apreciação e uso dessa obra como um importante motivador de leitura junto a reflexões acerca dos temas enfrentados por seu público-alvo, com o intuito de promover discussões e conscientização dessas problemáticas que permeiam o social e o educacional do Ensino Fundamental. O *corpus* da pesquisa pode ser utilizado no meio escolar tanto para incitar discussões sobre o ambiente educacional e as regras sociais que existem nos grupos dos discentes e como isso afeta suas relações uns com os outros, quanto para provocá-los no processo da

escrita, já que o personagem principal dessa obra o faz de forma muito sincera e expressiva.

Acredita-se no poder inspirador que essa obra possui para uma criança se sentir confiante em escrever sobre suas próprias experiências e se enxergar como sujeito de seu próprio discurso, escritor de sua própria história, alguém que tem a autonomia da língua e certeza de seu lugar no mundo.

15

Referências

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COHEN, Marina. Jeff Kinney: 'Greg é uma versão exagerada do meu pior lado'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de jun. 2013. Seção O Globo Cultura. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/megazine/jeff-kinney-greg-uma-versao-exagerada-do-meu-pior-lado-8493156>. Acesso em: 24 de mar. 2024.

COSSETIN ALVES, L.; COSSETIN, M.; MAIBERG, T. M. D. . Leituras Críticas e Mediações Didáticas em “Diário de um Banana: Dias de Cão”, de Jeff Kinney. **RE-Unir Letras**, v. 9, p. 188-208, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/5723/4335>. Acesso em: 19 de mar. 2024.

FARIA, Maria Alice. **Como Usar a Literatura Infantil na Sala de Aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FITTIPALDI, Ciça. **O que é Qualidade em Ilustração no Livro Infantil e Juvenil**: com a palavra o ilustrador. 1. ed. São Paulo: DCL, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisas Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

SANTOS, Edvanderson Ramalho dos; FERREIRA, Adriano Charles. Os Períodos do Desenvolvimento do Indivíduo em Piaget: paralelos entre afetividade e cognição: Paralelos entre afectividad y cognición. **Ensino em Perspectivas**, v. 4, n. 1, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/12063>. Acesso em: 23 de ago. 2024

SCHFFER, Carmen Cristina Rodrigues. Fundamentos da teoria piagetiana do desenvolvimento cognitivo. **Paidéia**, 2022. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/9461>. Acesso em: 23 de ago. 2024.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. 12. ed. Campinas: Leitura Crítica, 2014.

SOZZA, Fátima Aparecida de Oliveira. **O Ato de Ler de Forma Crítica e Proficiente**. Curitiba: SEED/PR, 2011 (Implementação pedagógica). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/792-4.pdf>. Acesso em: 23 de mar. 2024.

SOUZA, Hudieny Dias de. **A psicologia educacional do desenvolvimento em Jean Piaget**. Disponível em: <https://jornaltribuna.com.br/wp-content/uploads/2023/08/A-psicologia-educacional-do-desenvolvimento-em-Jean-Piaget.pdf>. Acesso em: 23 de ago.2024

VASCONCELOS, Fabíola Cordeiro de. **Articulações Entre Texto Escrito e Ilustrações na Literatura Infantil**: repercussões sobre a efetivação da leitura. Anais V ENLIE. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/5867>. Acesso em: 19 de mar. 2024.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2015.

ⁱ **Allana Mayara Santos Castro**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2674-3980>

Universidade Federal Rural da Amazônia

Graduanda em Letras Português pela UFRA.

Contribuição de autoria: Capítulo 5, Análise e Discussão e Considerações Finais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0906001123058522>

E-mail: allanamayarascastro@gmail.com

ⁱⁱ **Cainã Tavares Wanzeler**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6250-4026>

Universidade Federal Rural da Amazônia

Graduando em Letras Português pela UFRA.

Contribuição de autoria: Introdução, parte do Referencial Teórico, Metodologia, Capítulo 3 e Capítulo 4.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7770011992363050>

E-mail: cainatavareswan@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Thaís Fernandes de Amorim**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5921-1900>

Universidade Federal Rural da Amazônia

Doutora em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. Docente do Curso de Letras da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA.

Contribuição de autoria: Orientação, revisão e consolidação do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7409197286638860>

E-mail: thais.amorim@ufra.edu.br

Editora responsável: Genifer Andrade

17

Especialista *ad hoc*: Adelcio Machado dos Santos e Rodrigo Luis dos Santos

Como citar este artigo (ABNT):

CASTRO, Allana Mayara Santos.; WANZELER, Cainã Tavares.; AMORIM, Thaís Fernandes de. Diário de um banana: o texto verbo-imagético e a formação de leitores críticos. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e14041, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14041>

Recebido em 14 de setembro de 2024.

Aceito em 13 de fevereiro de 2025.

Publicado em 26 de maio de 2025.